

Formação continuada de professores à luz do letramento - o memorial como espaço de formação continuada: relatos de experiência

Continued development for teachers in the Literacy perspective - the memorial as a space of continued development: reports of experience

Augusto José Savedra Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
2017ajsl@gmail.com

.....

Nilton Paulo Ponciano

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
nponciano@hotmail.com

Resumo

Este texto traz relatos da experiência da implementação de produto educacional voltado para a Formação Continuada de Professores à luz do Letramento, no Curso de Especialização em Investigações Educacionais (CEIE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) – *Campus* Manaus Centro (CMC), *lato sensu*, durante a ministração da disciplina Oficina de Produção Textual, no período de 05 a 10 de novembro de 2018, sendo os professores em formação os acadêmicos do curso. Destaca-se que o objetivo da disciplina foi a construção de memoriais de formação, nos quais os participantes pudessem se enxergar como partícipes da construção e comunicação de conhecimento, bem como agentes de seu próprio saber. Desta maneira, para exposição dos relatos, dá-se ênfase à contextualização de como a ação foi planejada, ao conceito de memorial e sua relação com a formação de professores, bem como à narrativa dos acontecimentos pertinentes. Do processo formativo, pode-se inferir que os frutos resultaram no conhecimento pelos participantes de quem são, de seu papel em sociedade e de sua agência como profissionais. Assim, como consequência, se pôde constatar a produção do gênero textual/discursivo memorial como possibilidade de processo formativo significativo para os professores, pois esses encontros/aulas fez com que eles refletissem sobre suas práticas e resignificá-las.

Palavras-chave: Formação continuada do professor. Letramento. Experiência.

Abstract

This text brings reports of the experience of the implementation of an educational product aimed at the Continued development for teachers in the Literacy

perspective, at the Specialization Course in Educational Researches (CEIE) of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas (IFAM) - *Campus* Manaus Centro (CMC), *lato sensu*, during the teaching of Text Production Workshop subject, from November 5 to 10, 2018, with the professors in training being the academics of the course. It should be emphasized that the objective of the discipline was the construction of training memorials, in which the participants could see themselves as participants in the construction and communication of knowledge, as well as agents of their own knowledge. Thus, for the exposition of the reports, its emphasized the contextualization of how the action was planned, to the concept of memorial and its relationship with teacher training, as well as to the narrative of relevant events. From the formative process, it can be inferred that the results are the knowledge of the participants about who they are, their role in society and their agency as professionals. As a consequence, it was possible to verify the production of the textual / discursive memorial genre as a possibility of a significant formative process for the teachers, because these meetings / classes made them reflect on their practices and resignify them.

Key words: Continued development for teachers. Literacy. Experience.

Introdução

Os relatos que seguem têm sua origem no trabalho com o gênero textual/discursivo memorial de formação, para testar a viabilidade da proposta-protótipo desenvolvida durante a construção da dissertação de mestrado de título 'Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa à Luz do Letramento: Reflexões e Proposta', no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) – *Campus* Manaus Centro (CMC).

Destaca-se a cooperação dos acadêmicos do Curso de Especialização em Investigações Educacionais (CEIE) por meio da construção e reconstrução de memoriais, bem como de si mesmos como consequência das reflexões e discussões provenientes das aulas.

Nesse processo, a ideia foi de enfatizar o estudante no processo de comunicar-se pela escrita, as bases que o direcionam na exposição de criações e/ou descobertas, oriundas das leituras de mundo, enciclopédica e da relação consigo mesmo e com o outro, num processo de contar e narrar, como práticas discursivas e maneiras de dizer a construção sócio-histórica.

Destaque seja dado à concepção de letramento adotada nesta atividade de formação continuada com base no emprego que se faz da leitura e da escrita, como prática socialmente significativa, pois, como afirma Silva (2011, p. 20),

[...] apenas decodificar palavras é insuficiente para a participação em práticas sociais que envolvem a língua escrita, é necessário algo mais: saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais. Esse algo mais é o que se vem designando letramento.

Assim, a escrita do memorial de formação foi compreendida como prática social situada e significativa para os professores em formação, como se pode ver nas demais seções deste relato.

O gênero memorial e a prática de formação continuada de professores

Pensar a construção de um memorial como parte dos subsídios para formação continuada de professores, em específico nesta proposta para professores de Língua Portuguesa, surgiu a partir de leituras e discussões mantidas entre o primeiro autor e seus orientadores, tendo como colaborador o Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga, então Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação do IFAM – CMC e um dos líderes do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico (GEPROFET).

Desta forma, encontrou-se no gênero memorial a possibilidade de os professores refletirem sobre a base epistemológica, ontológica e metodológica que são alicerces do seu agir, de sua prática. Para tanto, observou-se o conceito de gênero memorial de formação e planejaram-se as aulas da disciplina à luz do letramento, tornou-se o primeiro autor executor da própria proposta para formação continuada de professores e, de certa forma, professor formador, que, no caso da especialização, de professores de variadas áreas do conhecimento e não somente de Língua Portuguesa.

Para iniciar a discussão aqui proposta, sobre o gênero memorial de formação, tecem-se considerações sobre o conceito de gênero memorial para, na sequência, estabelecer sua relação com o processo formativo docente e, assim, chegar à fase de descrição de como se deram as aulas, o que envolve desde o planejamento e execução até a avaliação docente e discente delas.

O conceito de gênero memorial adotado neste trabalho vem nas palavras de Arcoverde e Arcoverde (2007, p. 2, grifo nosso), para quem se trata de:

[...] um gênero rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como **um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória.** É uma espécie de “diário”, **no qual você pode escrever suas vivências e reflexões.** É também um gênero que pode ser usado **para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação.**

Nesse sentido, trazer o memorial para a formação continuada de professores se mostrou oportuno para que os acadêmicos do CEIE pudessem fazer uma reflexão sobre seu processo formativo, sobre sua prática, sobre as teorias, metodologias e concepções de ser humano que guiam seu agir profissionalmente.

Ainda para a conceituação e esclarecimento sobre o memorial, tem-se as palavras Sartori (2007, p. 37-38, destaque nosso):

A narrativa produzida em diários, histórias de vida, memórias pode funcionar como uma das possibilidades que o professor concede a si próprio para melhorar a sua capacidade de ver e de pensar o que faz [...] o professor faz um relato da própria vida, procurando apresentar uma narração repleta de acontecimentos a que confere o estatuto de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua experiência como aluno ou já como profissional da educação. É nesse sentido que **o memorial torna-se um instrumento pedagógico utilizado na formação de professores e se constitui numa forma de registro reflexivo.**

Importante também é compreender que o memorial de formação não deva ser compreendido como uma tipologia textual de descrever e/ou narrar acontecimentos, pois por ser gênero, como afirma Silva (2014, p. 12-13):

Esse tipo de memorial releva aspectos discursivos referentes ao processo de ensino-aprendizagem em um determinado tempo-espço; constitui-se como um gênero discursivo pautado na subjetividade. Os sujeitos-narradores constroem um discurso marcado por retrospectivas, mas sem deixar de vislumbrar as perspectivas para um futuro.

Compreende-se que essa construção de discurso se dê como consequência da articulação estabelecida entre o passado e o presente, e que possa refletir nas ações futuras dos professores, como enfatiza Sartori (2007, p. 39):

Ao articular experiências profissionais e experiências do curso de formação, observamos que o professor-aluno relaciona permanentemente experiências do passado e do presente, tendo sempre subjacente a esses dois tempos, o futuro, se entendermos que “só no futuro está o centro real da gravidade da minha determinação de mim mesmo.” A análise desse movimento pode nos revelar as diferentes vozes que o docente articula (especialmente a dele e a da academia) e, conseqüentemente, a visão de autor que sustenta esse processo.

Ao trazer as palavras de Sartori (2007), acima, não se atem às possíveis análises que se possa fazer do conteúdo dos memoriais, mas à relação entre os tempos passado e presente na perspectiva de ações futuras e o que isso acarreta para os professores em formação, pois para isso caberia a uma outra pesquisa. Aqui, julgou-se importante trazer a leitura da Sartori (2007, p. 39) sobre a memória de futuro em Bakhtin, que para ela:

[...] tem uma dimensão bastante complexa e, por isso, não se restringe à simples ideia de relação temporal. Trata-se, antes, de uma concepção embasada numa visão de indivíduo como ser heterogêneo e inacabado. [...] “do ponto de vista bakhtiniano, no mundo da vida ‘calculamos’, a todo o instante, com base na memória do futuro desejado, as possibilidades de ação no presente.”

Com base na compreensão da autora, pode-se inferir que os professores, por meio do memorial de formação, passam a refletir sobre o seu passado e presente, para que dessa reflexão - do presente momento para adiante - possam tomar decisões e apresentar certas posturas em seu fazer pedagógico de forma

mais crítica, a partir da imagem que perceberam de si. Assim, como afirma Silva (2014, p. 20):

Podemos dizer que o memorial é um gênero discursivo em que o caráter reflexivo releva o *ethos* discursivo desses sujeitos-narradores, favorecendo outra forma de agir/pensar, seja no presente, seja no futuro, mas tendo como ponto de partida o passado.

Retomando à questão do memorial e sua relação com o processo formativo docente, Silva (2010, p. 604) afirma que o professor, ao produzir um memorial,

Realiza também um trabalho de (re)conceituação ou (re)contextualização de saberes relativos ao seu fazer acadêmico e profissional, deixando, assim, no curso de sua escrita, entrever a história de sua formação acadêmica e profissional, recortada por vieses que assinalam a sua inserção nas práticas discursivas da esfera em questão.

Nesse processo, destaca-se a ação de recordar que tem a memória como ação de construção social, para além da uma questão psicológica e individual. Nas palavras de Silva (2010, p. 605):

Sob esse enquadre, importa dizer que a noção de memória não se restringe àquela de ordem psicológica, como faculdade mental ou uma capacidade individual de natureza estritamente biopsíquica. Além desse traço, a memória, enquanto construção social, situa-se num espaço que medeia a ação ideológica e a experiência social que os membros de uma comunidade específica possuem acerca de suas experiências humanas. A dimensão social de que se reveste a memória pressupõe sempre uma relação de partilha cultural no seio do grupo social em questão. É social porque ela compreende um sistema de organização e mediação cultural do ato mental de recordar, de rememorar.

Assim, esse gênero textual/discursivo, o memorial, pode ser concebido como o ponto de interseção de fatos sociais, coletivos e pessoais, como diz Silva (2010, p. 606), “[...]os memoriais consistem em um trabalho de recordação das experiências individuais que, trazidas pelos estudantes para a construção de seu discurso, encarnam as tonalidades sociais, históricas, culturais e afetivas, fundadas por uma carga axiológica.”

A narrativa de origem memorialística passa a ser fonte de construção, reconstrução e comunicação de saberes, pois leva à reflexão, deixando marcas em quem a produz e em quem a lê. Nessa perspectiva, a narrativa é, como apresenta Silva (2010, p. 612):

[...] como uma atividade social do homem, constitutiva da sua humanização, por meio da qual o narrador não transmite o “puro de si” do objeto narrado como o faria em um relatório técnico. Nessa construção discursiva, a narração das memórias é um trabalho que implica refletir sobre o objeto narrado, o acontecimento em cena, a partir de uma posição/perspectiva discursiva e enunciativa – falar de um dado lugar, representá-lo de acordo com a sua finalidade comunicativa e seus interlocutores.

Se se admite que recordar a experiência vivida é uma ação que implica reflexão, regulada por crenças, opiniões e valores, na qual se imbricam o íntimo/pessoal e o social, reitera-se, nesses termos, que o mundo narrativo é criado sob a batuta de um (eu) narrador que recorta e

constrói uma realidade sob o enquadre de um aqui e agora da atividade mesma de narrar.

Reforçando-se a compreensão de que a narrativa pode ser compreendida como fonte de construção, reconstrução e comunicação de saberes, capaz de marcar o seu autor e seu leitor, recorre-se a Benjamim (1994, p. 68), quando ele menciona que:

[...] a narração não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação faz) integra-o à vida do narrador para passá-lo ao convite como experiência. Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila.

Logo, o memorial na formação continuada de professores cria uma possibilidade de o professor refletir sobre si, sobre em que lugar age, sua posição e seu papel social e identitário. Nesse processo, ao voltar-se para si mesmo, ele toma a si mesmo como objeto de reflexão, segundo Silva (2010, p. 615)

Assim, pela tomada de consciência, reflete sobre os seus saberes profissionais (e a função que têm na constituição de sua formação identitária). É a assunção dessa posição identitária (ser professor em formação) que o habilita a dizer o que diz e como o faz.

O gênero de formação em Investigações Educacionais: etapas

De posse da ementa da disciplina, deu-se início às pesquisas e aos encontros com a Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação (DIPESP) do *Campus* Manaus Centro e Coordenação do Curso, a fim de construir um plano de ensino em harmonia com o produto de mestrado. A ementa de Oficina de Produção Textual trazia os seguintes tópicos: O cientista e o processo de comunicação (você e a redação é preciso comunicar); As bases da ação (ponto de partida: a caracterização do receptor); Preparativos para a comunicação eficaz (definindo o conteúdo, reunindo informação, pensando e registrando, organizando as informações, a tecnicidade da linguagem, a escolha do estilo e da forma, revendo os passos); A redação do texto (a primeira versão: um rascunho, o texto principal, figuras, tabelas e quadros, anexos e apêndices; notas, referências e citações, o sumário, títulos, o resumo, o índice); Revisão crítica (a revisão do rascunho, o autor e o revisor).

Diante do que se tinha, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: produzir textos acadêmicos nos quais os estudantes pudessem se enxergar como partícipes da construção e comunicação de conhecimento, bem como agentes de seu próprio saber, em um espaço democrático de reflexões, questionamentos e exposições de opiniões sobre os diferentes gêneros textuais/discursivos que permeiam o meio científico.

Por sua vez, estabeleceram-se os objetivos específicos: Identificar aspectos constituintes do gênero acadêmico (O que foi escrito? Para quem foi escrito? Qual a finalidade do texto? Quando foi escrito? e Como e onde foi escrito?); Produzir o gênero memorial, em um processo de criar-se e recriar-se como produtor e comunicador de conhecimento, a partir das vivências desta disciplina e das disciplinas que a antecederam, assim como da leitura de mundo e

enciclopédica de cada aluno; e - Avaliar o texto produzido, exercitando atividades de análise, crítica e reelaboração do texto.

Uma vez que foram estabelecidos os objetivos para a disciplina, ficaram definidos os seguintes conteúdos programáticos para as aulas, em consonância com a ementa: O pesquisador e a construção de seu texto; Os gêneros textuais/discursivos: o manifestar-se como autor em textos acadêmicos; O emissor e seu receptor: o ponto de partida para a produção textual; O crítico, o reflexivo e o situado: os preparativos para uma comunicação eficaz; A redação do gênero memorial: o processo de construção e reconstrução do texto, e de si na condição de autor; e A revisão técnica, a revisão linguística e a participação de um terceiro elemento, o revisor.

A metodologia adotada nas aulas foi a de aulas expositivas e dialogadas, nas quais a problematização dos memoriais dos alunos foi uma constante, visando a intervenções para desconstrução e reconstrução do texto. Nessa metodologia, ficou determinado que, ao final de cada aula, os acadêmicos registrariam, em um pequeno texto, suas impressões sobre as vivências por que estavam passando na disciplina.

Para o andamento das aulas, também, construiu-se um e-book com textos para auxiliar nas discussões em sala de aula e no processo de construção e reconstrução dos memoriais dos acadêmicos; ainda, confeccionou-se um roteiro para cada dia de aula – o que poderia ser entendido como o plano de aula para cada encontro-, os quais eram enviados por e-mail sempre que uma aula acabava, com exceção do primeiro deles, o qual foi enviado uma semana antes do início das aulas, juntamente com o e-book.

Para fins de avaliação, para cumprimento do que prevê as normas do IFAM – CMC e do Curso de Especialização, considerou-se como direcionamento que o processo seria contínuo, em caráter diagnóstico, formativo e somativo, e que cada acadêmico entregasse seu memorial e os relatos das vivências na disciplina até o dia 22/11/2018, na secretaria dos cursos de especialização.

Ressalta-se que os roteiros das aulas enviados aos acadêmicos, a entrega do memorial e os relatos de vivências deles na secretaria dos cursos de especialização não tinham como finalidade o cumprimento com o que era praxe da disciplina, mas o fim maior era testar o produto de mestrado. Sobre esses três elementos que constituíram o plano de ensino, passarei a discorrer individualmente.

Construído o plano de ensino, partiu-se para a o planejamento das aulas, propriamente dito. Foi quando se pensou em eventos e práticas de letramento que fossem um elo entre minha proposta de formação e o andamento da especialização.

Assim, um roteiro foi confeccionado para cada aula. Os roteiros que possibilitavam uma ida e vinda em cada conteúdo programático, a fim de que todas as aulas fossem complemento umas das outras e, assim, fosse oportunizado o processo de desconstrução e reconstrução do memorial dos acadêmicos, doravante professores em formação continuada.

A Figura 1, que segue abaixo, representa, de certa forma, a estratégia pensada e busca ilustrar como ocorreu o andamento de todo o processo em sala de aula. Em sala de aula, o contexto inicial foi a existência de memoriais dos professores em formação continuada, os quais haviam sido produzidos durante a ministração das disciplinas anteriores. De posse desse material, os professores em formação continuada iniciaram a problematização de seus textos, da primeira até a última aula, pois cada aula tinha esse objetivo, de evidenciar que a formação de professores não é acabada, ao contrário, é continuada e ressignificada a todo instante por conta da dinamicidade do fazer humano em seus aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Figura 1 – Esquemática do plano de ensino em aulas diárias



Fonte: Próprios autores (2019)

Para seguir os comentários, crê-se ser necessário dizer do *e-book* construído especialmente para as aulas, pois serviram de textos-base para as discussões ocorridas.

O *e-book* do CEIE pode ser compreendido como uma ferramenta pedagógica constituída por seis textos-base, assim disposto na obra, com respectivos títulos e autores: O pesquisador e a construção do texto científico, de Marcos Frederico Krüger Aleixo; O qualitativo na investigação educacional: da dimensão paradigmática à narrativa acadêmica, de Amarildo Menezes Gonzaga; Utilizando material didático baseado em gêneros do discurso/textuais em aulas de leitura em língua inglesa: uma experiência em um curso pré-vestibular, de Marta de Faria e Cunha Monteiro; Um olhar sobre a formação de professores de língua portuguesa em gotas de mim, de Augusto José Savedra Lima e Amarildo Menezes Gonzaga; Um percurso investigativo formativo a partir da autoria, de Edson Castelo Branco Feitosa Júnior e Amarildo Menezes Gonzaga; e Memórias e trajetória: um caminho sempre em construção, de Marcos Roberto dos Santos.

Os textos contribuíram para a desconstrução e reconstrução dos memoriais dos professores em formação continuada à medida que as leituras eram realizadas e os conteúdos discutidos em sala de aula, como se pode ver nos roteiros.

Retornando à Figura 1, passando da problematização para a ressignificação dos memoriais, o que está intimamente ligado aos roteiros das aulas, pode-se dizer que foi o momento de estranheza, pois os professores em formação continuada esperavam aulas voltadas para explicações gramaticais e técnicas de produção de textos. A disciplina foi planejada para além disso, uma vez que buscava inquietar os acadêmicos a partir das reflexões em sala de aula e consigo mesmos.

Os roteiros, como dito anteriormente, equivaliam ao plano de aula do dia e seguiam uma estrutura similar, pois neles se podiam observar a data a que se referiam e o conteúdo ao qual estavam explicitamente ligados, bem como cada momento de atividades que geralmente eram três, com exceção do primeiro, visto que se tratava do primeiro contato entre os professores em formação continuada e o professor da disciplina.

Foi por meio dos roteiros que se trabalhou o que se julgou como socialmente relevante para aquele momento, o que deveria ser ensinado-aprendido para o contexto daquela especialização/formação continuada de professores. Assim, a partir dos roteiro-guias das/nas aulas, foi que se abordou conceitos mobilizadores de autorreflexão dos professores. Trabalhar a construção dos memoriais serviu como início para que aqueles profissionais fizessem uma formação continuada que envolvesse as práticas de leitura, escrita, oralidade e o saber ouvir ao construir e comunicar conhecimento.

O trabalho com a leitura e a escrita se completava com o trabalho do ouvir e do dizer, e vice-versa. Em outras palavras, as leituras do e-book, releituras dos memoriais e a reconstrução deles se completavam com a socialização de vivências dessas leituras e reescritas em momentos de discussão em sala de aula, na partilha de saberes que ultrapassavam o conteúdo programático da disciplina.

Pode-se dizer que os roteiros de aula se caracterizaram como fios condutores de toda a proposta de formação continuada desenvolvida no CEIE, os quais foram confeccionados em atenção à demanda do curso e ao propósito de se oferecer uma formação continuada à luz do letramento, pois ao planejar as aulas, mobilizaram-se conhecimentos do professor formador, dos participantes de e estudiosos que discutissem o tema em voga, tendo como finalidade a reflexão dos acadêmicos como partida para sua autoformação em ambiente de uso social da leitura e da escrita, quiçá a formação de protagonistas sociais críticos, reflexivos e éticos.

Certo que a produção do gênero memorial não se faz no cotidiano de todos os professores, pois não é aplicável nem funcional de imediato para o fazer docente, porém observado como necessário socialmente, uma vez que, ao produzir um memorial de formação, os professores não estão apenas produzindo uma tipologia textual, mas construindo discursos que lhes auxiliam na compreensão de si mesmos, do outro e de seu labor, algo que lhes possibilita interagir reflexiva

e criticamente em uma sociedade letrada, afinal, como disse Tezza (1988, p. 55, destaque do autor):

[...] nossas palavras não são 'nossas' apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam.

Assim, entende-se que seja na relação com o outro, com o meio em que o professor trabalha e consigo mesmo, que se desconstrói e se reconstrói o professor em formação continuada.

Algumas vivências

Os professores em formação continuada, aqui todos mencionados por meio de nomes fictícios, passaram por um sentimento de estranheza logo no início dos encontros, pois as expectativas de muitos estavam voltadas para explicações da norma padrão da língua e técnicas de produção de textos, bem como a produção de textos para avaliar essa capacidade, o que evidencia um conceito preestabelecido -cristalizado- para o termo oficina de produção textual. Para evidenciar esse fato, observe-se o seguinte relato de um dos participantes, relato que se mostrou como consenso na última aula, no momento da derradeira plenária:

O que você pensaria se um professor chegasse em uma sala falando a seguinte frase: "Não vim para responder perguntas, estou aqui para confundi-los"? Foi exatamente o que fez nosso professor. Confesso que ao primeiro momento só conseguia fazer orações e imaginar o quão difícil seria.

[...] pensar na disciplina "Oficina de Produção Textual" sem dúvida está associada à uma grande quebra de paradigmas. Este fato evidenciou um marco no processo de construção enquanto sujeito, ao ouvir o termo que nomeia tal disciplina, a primeira ideia que vem em mente é a de construção ou apropriação de normas, regras, questões relacionadas a ABNT, elementos como introdução, desenvolvimento e conclusão de um texto. Em contrapartida a disciplina gerou um diálogo para além das barreiras "clássicas" do ato da escrita. (Relato de vivências de Isolda)

Pode-se depreender desse excerto que a forma como se planejou a disciplina ocasionou a quebra de paradigmas de se ver a prática da escrita de forma estática e descontextualizada. A oportunidade foi de vê-la como prática social, de maneira que os acadêmicos pudessem ver como autores e comunicadores de saberes, a partir da reflexão e crítica sobre sua produção. Foi oportunidade, também, de a leitura e a escrita serem compreendidas como partícipes dos significativos da vida cotidiana, profissional e humana deles.

Acredita-se que a maneira como as aulas foram ministradas tornou possível aos acadêmicos o "incrivelmente agradável". Talvez isso esteja na percepção de utilidade prática do ler e do escrever, pois as aulas contribuíram para a produção do memorial de formação de cada um professor em formação continuada de maneira que eles pudessem se ver nos textos e perceber que estes textos teriam significado não apenas para cumprimento de uma exigência da instituição, mas para a vida de cada um em particular.

Alguns significados da disciplina para os professores em formação continuada

Na leitura dos relatos, pôde-se perceber que a disciplina como um todo levou os participantes a refletirem sobre conteúdos para além dos previstos no plano de ensino, mas que se cruzam com estes. Isso fez com que as práticas em sala de aula ultrapassassem as fronteiras físicas da instituição e se estendessem ao fazer de cada professor ali presente. Como se pode constatar a partir dos excertos que seguem:

Ao longo das aulas e da leitura do e-book, entendi plenamente o poder das palavras e o quão é importante a escrita das mesmas. Foram essas palavras impressas em livros e adaptadas para filmes que motivaram a mim durante toda a minha vida e me ajudaram a ser um pouco do que sou agora. É preciso resistir, perseverar e escrever, todos os dias escrever, até aquilo que eu ache insignificante preciso escrever, fazer um diário de práticas, vivências e experiências, percebi que é dessa forma que compreendo a mim e ao outro. (Relato de vivências de Arlene)

Falando em anseios, confesso que a disciplina me proporcionou além da desconstrução e reconstrução do memorial, um repensar sobre o meu projeto de pesquisa. Isto significa que ao elaborar o meu projeto irei atentar para a relevância social da pesquisa, utilizando-a como instrumento de transformação da informação em conhecimento. (Relato de vivências de Lana)

Frente aos relatos infere-se que a preocupação dos acadêmicos em como suas ações/discursos podem repercutir seja a prova de que a disciplina significou momentos de pensar em sua formação profissional e humana, a partir da reflexão e escolha de o quê dizer nos memoriais e como dizê-lo. O que poderia ser compreendido como realizar uma pausa para se meditar no poder das palavras sobre si e sobre o outro. Foi oportunidade também para que os participantes pudessem, entre aspas, deixar por um instante de lado o teórico e o metodológico e partissem para uma reflexão sobre si e sobre seu fazer na condição de ser humano.

Acredita-se que a confusão/confundir dito pelo professor formador, que em muitos momentos os professores se referiram nos relatos, seja o ponto de partida para criticamente refletir sobre as teorias bases do fazer de cada um, a forma como agem esses professores na escola e, principalmente, refletir na sua própria humanidade. O que seria oportuno para se rever concepções, fazeres e posturas no cotidiano dos professores.

Assim, a partir do relatado pelos acadêmicos, é possível crer que a desconstrução dos memoriais e, por consequência de si mesmos, tenha contribuído para o ressignificar práticas e concepções já cristalizadas nesses docentes.

A avaliação no processo formativo no CEIE, sobre o professor formador e a autoavaliação dos participantes

Antes de seguir na discussão sobre a avaliação, faz-se oportuno informar que 24 profissionais foram matriculados na disciplina Oficina de Produção Textual, porém, um desistiu, restando 23 profissionais, sendo que alguns possuíam mais de uma graduação e um com mestrado em Linguística, em acordo com os dados da figura abaixo:

Quadro 2 – Esquematização do plano de ensino em aulas diárias

GÊNERO	
Masculino	2
Feminino	21
	23
IDADE	
20 a 30	8
31 a 40	6
41 a 50	6
51 a 60	3
GRADUAÇÃO - LICENCIATURA E BACHARELADO	
Geografia	1
Letras - Língua Francesa	1
Letras - Língua Inglesa	2
Licenciatura em Informática	1
Pedagogia	15
Jornalismo	1
Produção Publicitária	1
Psicologia	1
Serviço Social	3

Fonte: Próprios autores (2019)

Aqui, segue o olhar do outro sobre o professor formador, nas palavras de Arlene:

As aulas do Professor Savedra foram inspiradoras, lembrei de coisas que estavam lá no fundo do coração e fiz descobertas de situações que aconteceram no passado, as quais foram essenciais para mim ser quem eu sou hoje. E, partindo disto, compreendo que uma ideia é como vírus, uma doença contagiosa, que se propaga para te formar ou para te destruir, e o portador dessa ideia é essencial para a forma de propagação da mesma. Professor Savedra inúmeras vezes me remeteu a aqueles professores quais tenho total admiração, as mensagens e ensinamentos passados transformam e motivam o nosso ser. Portanto, percebi a importância das pessoas em nossas vidas, e triste são aqueles os quais acreditam que podem construir algo sozinhos. As pessoas, boas ou ruins, são extremamente importantes para a construção do nosso ser, cabe a nós sermos resilientes e fazer escolhas conscientes perante as mesmas. (Relato de vivências de Arlene)

O depoimento serve de ânimo para seguir com esse tipo de pesquisa e com ações de formação de professores à luz do letramento, pois a avaliação demonstrou que o formador conseguiu fazer com que os professores em formação continuada refletissem durante as aulas, o que se estendeu para além da sala de aula, como dito antes.

A leitura que se pode fazer da autoavaliação dos participantes é de que eles foram coerentes com seus depoimentos em sala de aula, ao preencher o formulário, pois, durante as discussões, esses cinco itens surgiram em forma de perguntas e o retorno estava muito próximo do resultado obtido com os formulários. Nas plenárias, alguns mencionavam que estudavam em casa, mas nem sempre de maneira sistemática, às vezes por conta do cansaço do dia a dia, ou por conta das particularidades da vida de cada um. Outros diziam que estudar em grupo nem sempre foi possível, mas que aproveitavam todas as oportunidades que estavam juntos.

Um fato importante é que eles manifestaram que o aprendido nas aulas seria um conhecimento para a vida toda e que não estavam ligados apenas à profissão, mas na prática de todo o cidadão. Assim, acredita-se que os resultados foram positivos e que ações dessa natureza devam se repetir.

Conclusão

Frente às vivências no CEIE e após avaliação dos participantes, vê-se que pensar a formação continuada de professores à luz do letramento, com base na produção do gênero textual/discursivo memorial de formação como possibilidade e mais, por consequência dos resultados obtidos, crê-se ser possível a utilização deste produto para a formação continuada de professores de outras áreas do conhecimento. Acredita-se nisso pelo fato de que apenas três dos vinte e três professores em formação continuada daquele momento serem licenciados em Letras. Para subsidiar este julgamento, seguem excertos de relatos:

Por fim, revelo a estranheza que sinto ao pensar que mudei de maneira significativa em apenas uma semana, percebo a necessidade de sentir livre e empoderada, e todos os dias ao final das aulas eu me sentia assim, estranha - como simples e importantes coisas ocasionam tantas transformações? Afirmo que não sei o que sou agora, mas sei o que não sou mais... E isso é maravilhoso. (Relato de vivências de Arlene)

[...] não há como sair inerte a este banho de conhecimento ofertado durante estes dias de deleite nesta disciplina. Certamente saímos renovados, porém com a missão de que de aprendemos mais, e, portanto, mais temos a oferecer para a sociedade, pois o conhecimento é rotativo, é coletivo, e é para ser compartilhado. Neste cenário o homem aparece como um ser que se muda e se transforma, na busca de transformação de sua própria história humana. (Relato de vivências de Arthur)

Além disso, o professor expôs alguns detalhes que fariam com que a disciplina alcançasse bom êxito como, por exemplo, o roteiro das aulas, os relatos de vivências da pesquisa de mestrado, as fichas de autoavaliação do discente e docente, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, a ficha do participante e o caderno de campo docente. Para escrever um memorial, necessita-se ressaltar as condições em que o narrador se encontra e como ele se vê. É preciso uma profunda viagem onde a experiência de vida é evocada, revelando autores próprios de suas histórias e lutas. Desse modo, vejo quão relevante é a formação docente que implica em um profundo reconhecimento de si mesmo, onde automaticamente, proporciona ao educador, a conscientização de seus desafios e de sua autoavaliação,

oportunizando mudanças em sua vida pessoal e profissional. (Relato de vivências de Lena)

Como se vê, a partir dos excertos de relatos supracitados, a ação atingiu seu objetivo como instrumento útil para a formação de professores, mas que não deve ser compreendido como fórmula pronta e acabada e sim como uma possibilidade que poderá ser adequada a nossos contextos de formação. Decerto, esses pequenos excertos são dignos de que sejam mais explorados, porém, julgou-se que, no contexto deste relato, eles falem por si mesmos. Preferiu-se, então, deixar ecoar os sentidos que eles trazem nas palavras de seus autores.

Por fim, como consequência dos relatos dos professores em formação continuada do CEIE e das vivências do professor formador ao ministrar a disciplina, concebe-se esta ação como fruto da autonomia e do pensar reflexivo e estratégico de seus mentores, na condição de mobilizadores de recursos materiais e imateriais para, em um espaço de práticas sociais democrático e ético, auxiliar na formação de professores protagonistas de seu fazer pedagógico.

Referências

ARCOVERDE, M. D. L.; ARCOVERDE, R. D. L. **Leitura, interpretação e produção textual**. Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Obras escolhidas).

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re) construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em 15 set 2018.

SILVA, S. L. Algumas considerações sobre memorial de leitura e a constituição do ethos discursivo na formação inicial do professor de língua portuguesa. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 03, n. 02, p. 05–22, jul./dez. 2014.

SILVA, V. S. **Letramento e ensino de gêneros**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 19-40, mar./ago. 2011.

TEZZA, C. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Editora Hatier, 1988.

Submetido em 13/03/2019.

Aceito em 17/05/2019.

